



Veredas Atemática

Volume 22 – nº 2 – 2018

Anotações sobre causatividade em línguas Timbira

Sindy Rayane de Souza Ferreira*
Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira**

RESUMO: O complexo dialetal Timbira (família Jê, tronco linguístico Macro-Jê) é composto por sete línguas que apresentam inúmeros aspectos semelhantes entre si. São elas: Parkatêjê, Krinkati, Ramkokamekrá, Krahô, Apãniekrá, Pykobjê e Krenjê. O presente artigo reúne dados sobre a ocorrência da causatividade em línguas Timbira: Krahô, Apãniekrá, Pykobjê e Parkatêjê; e realiza uma comparação entre as ocorrências desse fenômeno nessas línguas, a fim de mostrar que, além dos traços semelhantes, elas também apresentam traços diferentes. Nessas línguas, a causativização ocorre por meio do verbo causativo *to*. O artigo também mostra outras funções exercidas por *to* nas línguas Pykobjê e Parkatêjê. Os dados apresentados provêm das seguintes fontes: Popjes & Popjes (1986), Ferreira (2003), Castro-Alves (2004), Amado (2004) e Ferreira & Ferreira (2018).

Palavras-chave: causatividade; fenômeno linguístico; línguas timbira.

Introdução

Este artigo tem por objetivo reunir dados sobre a ocorrência da causatividade em línguas Timbira, com atenção aos dados do Parkatêjê, e realizar uma comparação entre a ocorrência

* Doutoranda em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará.

** Docente no Programa de Pós-Graduação em Letras e na Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Pará.

desse fenômeno nessas línguas. Além do Parkatêjê, as línguas Timbira estudadas neste trabalho são Krahô, Apãniekrá e Pykobjê.

A língua Parkatêjê é falada pelo povo indígena também denominado Parkatêjê que vive atualmente na Reserva Indígena Mãe Maria (RIMM), próximo ao município de Marabá (PA). A língua Krahô é falada pelo grupo indígena Krahô, situado na Área Indígena Kraolândia, nos municípios de Goiatins e Itacajá (TO). O Apãniekrá é falado pelo povo Apãniekrá na Terra Indígena Porquinhos, próximo ao município de Barra do Corda (MA). Já o Pykobjê é uma língua falada pela comunidade indígena também denominada Pykobjê, que vive na Área Indígena Governador, no município de Amarante (MA).

Estudos têm mostrado semelhanças que permitem agrupar as línguas Timbira como sendo constituintes de um complexo dialetal. Nimuendajú (1946) considera que a unidade do grupo Timbira e sua classificação na família linguística Jê são tão evidentes que até hoje não foram postas em dúvida por ninguém que se ocupou seriamente do assunto. Todavia é necessário que as línguas que compõem tal complexo sejam plenamente descritas como forma de contribuição científica para que mais se saiba acerca das propriedades estruturais delas, que assim como podem ser semelhantes, podem também ser bastante distintas em diferentes aspectos ainda desconhecidos.

De acordo com Ferreira (2003), a causatividade na língua Parkatêjê, assim como em Krahô, Apãniekrá e Pykobjê, é realizada por meio do formativo *to*. Esse formativo também ocorre em outros contextos sintáticos, com diferentes funções, que também serão aqui arroladas.

Desta forma, o presente artigo pretende estabelecer uma comparação entre a causatividade em Parkatêjê e em Krahô, Apãniekrá e Pykobjê, observando as semelhanças e as diferenças na ocorrência desse fenômeno em tais línguas.

1. Causatividade

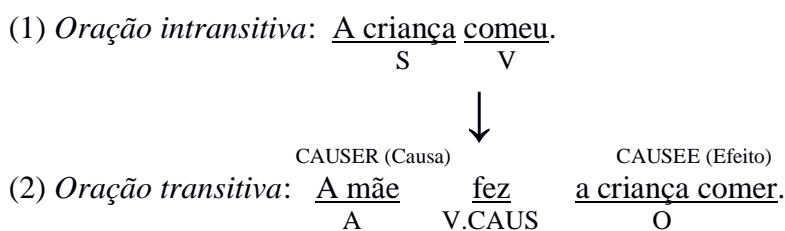
A causatividade (ou causativização) é um fenômeno linguístico em que há aumento da valência de verbos, considerando a perspectiva morfossintática. Em línguas naturais, de modo geral, um morfema causativo, quando se junta a uma base verbal, tem a propriedade gramatical de aumentar a valência de um verbo ao introduzir um novo argumento à sua estrutura argumental. Do ponto de vista semântico, a causatividade é um fenômeno associado à relação de causa e efeito. O verbo causativo permite que o sujeito da oração aja sobre outro argumento, fazendo com que este realize alguma ação ou mude seu estado, construindo uma relação de causa-efeito (NEVES, 2000).

De acordo com Lyons (1979), uma operação causativa tem por efeito introduzir um sujeito agentivo em uma construção intransitiva para dar origem a uma construção transitiva. Porém, já foi comprovado em diversas línguas que uma operação causativa também pode introduzir um sujeito agentivo em uma construção transitiva, dando origem a uma construção bitransitiva.

Segundo Comrie (1981), o processo de causativização é um epifenômeno que envolve duas microssituações: a causa e o efeito dessa causa. Para ele, as estruturas causativas apresentam as seguintes características: o evento da causatividade, o evento causado, o participante causador e o participante causado.

Conforme exposto por Shibatani (1976), a definição da expressão “causatividade” deve ser dada em termos semânticos. Assim, o processo causativo apresenta dois eventos que ocorrem em momentos distintos: o evento-causa ocorre num primeiro momento e o evento-efeito ocorre num segundo momento, porém, esse evento é totalmente dependente daquele.

Dixon (1994) apresenta as principais características de um causativo prototípico: o causativo aplica-se a uma oração intransitiva básica e forma uma transitiva derivada; o argumento na função S (de sujeito da intransitiva / o *causee*) vai para a função O (de objeto da transitiva) no causativo; então, um novo argumento (o *causer*, que é alguém ou alguma coisa que inicia ou controla a atividade) é introduzido em função A (de sujeito da transitiva). Veja o exemplo a seguir:



A causativização é um fenômeno comum nas línguas humanas e o modo como se realiza varia de uma língua para a outra. Algumas línguas utilizam mecanismos morfológicos, outras mecanismos sintáticos e um terceiro grupo emprega ambos os mecanismos.

Há dois tipos de construções causativas comuns nas línguas: a perifrástica (ou analítica) e a morfológica (ou sintética). Os dois tipos podem estar presentes em uma mesma língua. Para Dixon (1994), a construção causativa perifrástica envolve dois verbos em sentenças separadas. Geralmente o verbo causativo aparece na sentença principal, enquanto o verbo lexical está na sentença subordinada, como é possível observar no exemplo (2) do português, em que a oração principal é ‘a mãe fez’ e a dependente é ‘a criança comer’. Esse tipo de construção se aplica a qualquer verbo intransitivo ou transitivo. Já a construção causativa morfológica, para o mesmo autor, pode ser sintaticamente variada. Nesse processo, geralmente, há contração do elemento causativo com o verbo da oração não causativa, configurando uma oração simples, ou seja, com apenas um predicado verbal. Em algumas línguas ela se aplica somente a verbos intransitivos, em outras somente a verbos intransitivos e transitivos simples e em outras línguas se aplica a todos os verbos.

Na língua indígena Apinajé (também pertencente à família Jê, tronco Macro-Jê), tanto as construções causativas perifrásticas quanto as causativas morfológicas são realizadas por intermédio do morfema ɔ , traduzido como ‘fazer’ em ambos os casos (OLIVEIRA, 1998; 2005).

A construção causativa perifrástica é caracterizada pela ocorrência de ɔ anẽ , que expressa a causa, mais uma oração subsequente codificando o resultado. “A oração que codifica a situação resultante não é um simples complemento embutido estruturalmente, mas uma oração com sujeito diferente em uma relação paratática com a oração que expressa a causa” (OLIVEIRA, 2005, p. 261). Isto quer dizer que as duas orações estão em uma relação de coordenação, sendo o objeto de ɔ anẽ correferente com o sujeito da oração resultante:

- (3) na ka ri ic-t-ɔ anẽ pa rɔp kura¹
 RLS 2 DEM I-RP-do thus 1 dog hit
 RLS 2 DEM eu-PR-fazer assim 1 cachorro bater
 ‘You caused me hit the dog.’ / Lit. ‘You did me thus, I hit the dog.’
 ‘Você me causou bater no cachorro’ / Lit. ‘Você me fez assim, eu bati no cachorro’

(OLIVEIRA, 2005, p. 262)

A construção causativa morfológica do Apinajé é caracterizada pela ocorrência do morfema *ɔ* proposto ao verbo lexical de uma oração. O objeto é ligado a *ɔ*, enquanto o verbo lexical aparece em uma forma não finita. Este tipo de causativização parece aplicar-se somente aos verbos intransitivos.

- (4) na kawə dət
 RLS cōfo full
 RLS cesta cheia
 ‘The basket is full’
 ‘A cesta está cheia’

- (5) na ka kawə ɔ=dət
 RLS 2 cōfo CAUS=full
 RLS 2 cesta CAUS=cheia
 ‘You filled the basket’
 ‘Você encheu a cesta’

As abreviaturas nas glosas dos dados do Apinajé significam: 1 = 1ª pessoa do singular; 2 = 2ª pessoa do singular; CAUS = causativo; DEM = demonstrativo; PR = prefixo relacional; RLS = modo realis.

A causativização está presente na gramática das línguas indígenas que compõem o complexo dialetal Timbira. Na seção seguinte, será apresentada a forma como este fenômeno ocorre em algumas línguas desse complexo: Krahô, Apãniekrá, Pykobjê e Parkatêjê.

2. Causatividade em línguas do complexo Timbira

Com base no presente estudo, pode-se afirmar que uma das semelhanças morfossintáticas entre as línguas pesquisadas é o processo de causativização, desde a forma lexical do elemento causativo *to* (com a variante *ton* em Krahô).

¹ Todos os dados apresentados neste trabalho serão transcritos do mesmo modo como estão nas fontes originais.

2.1. A Causatividade em Krahô

Popjes & Popjes (1986) mostram que a causativização em Krahô ocorre por meio do verbo *to* (ou de sua variante *ton*). Eles argumentam que esse verbo transitivo, que significa ‘fazer’, causativiza qualquer outro verbo, formando construções causativas na língua: “O verbo [lexical] para ser causativizado deve ocorrer em uma oração subordinada, marcada pela posposição *na*, e deve preceder imediatamente o verbo causativo. O objeto direto do verbo causativo concorda com o sujeito do verbo da oração subordinada”. (POPJES & POPJES, 1986, p. 142)

- (6) Capi te i-jõt na i-tɔ
Capi PAST 1-sleep SUBORD 1-make
Capi PAS 1-dormir SUBORD 1-fazer
‘Capi made me sleep’
‘Capi me fez dormir’

Quando o objeto direto do verbo causativo é a terceira pessoa, seu marcador é zero (∅):

- (7) i-te i-prõ jâpên na ∅-tɔn
1-PAST 1-wife work SUBORD 3-make
1-PAS 1-esposa trabalhar SUBORD 3-fazer
‘I made my wife work’
‘Eu fiz minha esposa trabalhar’

Quando o verbo na oração subordinada é transitivo, o sujeito é omitido:

- (8) Pahhi amji kin na me pa-tɔ
Chief REFLX like SUBORD PL 1INCL-make
Chefe REFLX gostar SUBORD PL 1INCL-fazer
‘The chief makes us have a festival/enjoy ourselves’ (POPJES & POPJES, 1986, p.143)
‘O chefe fez-nos divertir’ \\ lit. ‘O chefe nos fez uma festa’

As abreviaturas nas glosas dos dados do Krahô significam: 1 = 1ª pessoa do singular; 3 = 3ª pessoa do singular; 1INCL = 1ª pessoa inclusiva; NF = não-futuro; PAS = passado; PL = plural; REFLX = reflexivo; SUBORD = posposição subordinativa.

Na seção seguinte, serão apresentadas algumas características da causativização na língua Apãniekrá.

2.2. A Causatividade em Apãniekrá

Em Apãniekrá, a causativização também ocorre por meio do elemento *to*, que é um causativizador derivado do verbo *to* ‘fazer’. Castro-Alves (2004), em sua tese de doutorado,

afirma que o mecanismo de causativização dos verbos intransitivos (ativos e não ativos) é morfológico. A estrutura desse tipo de causativização “consiste de uma construção onde o verbo causativo e o encaixado [intransitivo] são co-lexicalizados em uma estrutura derivada, morfológicamente complexa, mas sintaticamente um verbo simples” (COMRIE, 1976 apud CASTRO-ALVES, 2004, p. 73).

As construções causativas em Apãniekrá utilizam *to* para transformar verbos intransitivos em transitivos. A autora mostra que os predicados intransitivos não ativos podem ser acrescidos de uma posição argumental para expressar o sujeito agente (*causer*). A construção causativizada derivada apresenta o causativizador *to* cliticizado ao verbo intransitivo:

(9) ko kakro
 água estar.quente
 ‘A água está quente’

(10) a-te ko tɔ= i?-kakra
 2-ERG água CAUS 3-estar.quente
 ‘Você esquentou a água’

De acordo com Castro-Alves (2004), a causativização dos verbos transitivos nessa língua ocorre por meio de construções causativas do tipo perifrástica (analítica), em que o verbo causativo *to* fica na oração principal e o verbo transitivo, na oração encaixada, a qual é marcada pela partícula subordinativa *nã*.

(11) ka i-tɔ= tʃa [i-te a-pupun nã]
 2 1-CAUS= obrigat 1-ERG 2-ver.NF SUB
 ‘Você me obrigou a te olhar’

(12) ka ø-tɔ= tʃa [ku-te a-pupun nã]
 2 3-CAUS= obrigat 3-ERG 2-ver.NF SUB
 ‘Você o obrigou a te olhar’

As abreviaturas nas glosas dos dados do Apãniekrá significam: 1 = 1ª pessoa do singular; 2 = 2ª pessoa do singular; 3 = 3ª pessoa do singular; CAUS = causativo; ERG = ergativo; NF = não-futuro; SUB = partícula subordinativa.

A seguir, será apresentada uma síntese sobre as construções causativas em Pykobjê, com base em Amado (2004).

2.3. A Causatividade em Pykobjê

Na língua Pykobjê, o mecanismo de causativização também ocorre por meio de *to*, que é descrito como uma partícula por Amado (2004).

- (13) ej-te ku tɔ ej-kom
 1-ERG água CAUS 1-beber
 ‘Eu bebi água’

A partícula *to* causativizadora geralmente é posicionada após o objeto, porém também ocorre antes do objeto, quando usada com verbos como *kahun* ‘cozinhar’ e *kakro* ‘esquentar’.

- (14) ej-te tɔ k^hwirpes kahun
 1-ERG CAUS mandioca cozinhar
 ‘Eu cozinhei mandioca’ \\\ lit. ‘Eu fiz a mandioca cozinhar’

- (15) ej-te tɔ ku kakro
 1-ERG CAUS água esquentar
 ‘Eu esquentei a água’ \\\ lit. ‘Eu fiz a água esquentar’

“Embora a tradução para o Português pudesse induzir a transitividade intrínseca desses verbos, no Pykobjê a tradução melhor seria algo como ‘eu fiz a água ficar quente’ ou ‘eu fiz a mandioca ficar cozida’ etc.” (AMADO, 2004, p.46).

As abreviaturas nas glosas dos dados do Pykobjê significam: 1 = 1ª pessoa do singular; CAUS = causativo; ERG = ergativo.

Na próxima seção, será apresentada a descrição a respeito da causativização em Parkatêjê, conforme Ferreira (2003) e Ferreira & Ferreira (2018).

2.4. A Causatividade em Parkatêjê

Uma descrição inicial a respeito do processo de causativização em Parkatêjê realizada por Ferreira (2003), em sua tese de doutorado, mostra que esse fenômeno ocorre por meio da utilização do verbo transitivo *to*, que significa ‘fazer’. Nessa língua, a causativização de verbos intransitivos ativos e não ativos ocorre de igual modo:

Verbos intransitivos ativos e não-ativos (simples ou estendidos) podem ser causativizados da mesma forma, isto é, o verbo lexical *to* ‘fazer’ aparecerá na sentença precedendo a raiz verbal. Dependendo do tempo e do aspecto das orações, teremos as marcas de caso atribuídas ao *causer* e ao *causee*, de acordo com a cisão no sistema de marcação de caso da língua. (FERREIRA, 2003, p.202)

Ferreira (2003) verifica que o verbo causativo permite a adição de um novo participante agentivo ao evento:

- (16) i-mpɛy -ti
 1-ser.bom -INTENS

‘Eu sou muito bom’

(17) a-**to** i-mpɛy -ti
2-CAUS 1-ser.bom -INTENS
‘Tu me fazes muito bem’

(18) mē ntia² tɛ mēkarõn **to** tay
PL mulher ERG fotos CAUS desaparecer
‘As mulheres perderam as fotos’ \\ lit. ‘As mulheres causaram as fotos desaparecerem’

Ferreira & Ferreira (2018) realizaram um estudo específico sobre a causativização nessa língua, confirmando o que já havia sido constatado por Ferreira (2003) e aprofundando a descrição das construções causativas. As autoras propuseram que, em Parakatêjê, os verbos intransitivos ativos e estativos podem ser causativizados por meio de causativização perifrástica e morfológica, tornando-se transitivos.

Na causativização perifrástica, o verbo *to* é inserido antes do sintagma nominal objeto e licencia a introdução de um novo argumento à oração, conforme o exemplo abaixo:

(19) kwÿrpej kahôn
macaxeira cozinhar-PAS
‘A macaxeira cozinhou’

(20) i-te **to** kwÿrpej kahôn
1-ERG fazer macaxeira cozinhar-PAS
‘Eu causei/fiz a macaxeira cozinhar’

Na causativização morfológica, a adição do verbo causativo *to* à oração também licencia a introdução de novos argumentos, mas *to* é adicionado após o sintagma nominal e antes do verbo lexical, cliticizado a ele:

(21) kàj hipu
cesto estar.cheio
‘O cesto está cheio’

(22) i-te kàj kãm ahi **to=hipu**
1-ERG cesto LOC lixo CAUS=estar.cheio
‘Eu enchi o cesto de lixo’ / Lit. ‘Eu fiz o cesto estar cheio de lixo’

² Em comunicação pessoal, a professora Marília Ferreira disse-me que a forma correta da escrita dessa palavra é ‘mēntia’.

Ferreira & Ferreira (2018) mostram que a construção causativa perifrástica de verbo intransitivo é realizada por meio de uma oração complexa na língua. Por outro lado, a construção causativa morfológica de verbo intransitivo é realizada por meio de uma oração simples.

As abreviaturas nas glosas dos dados do Parkatêjê significam: 1 = 1ª pessoa do singular; 2 = 2ª pessoa do singular; CAUS = causativo; ERG = ergativo; INTENS = intensificador; LOC = locativo; PAS = passado; PL = plural; REFLX = reflexivo.

Na próxima seção sistematizaremos informações sobre o fenômeno da causativização documentado em línguas Timbira, com vistas a estabelecer distinções e semelhanças entre algumas dessas línguas.

3. Semelhanças e diferenças no processo de Causativização das línguas Timbira

Conforme foi visto na seção anterior, a causativização é bem produtiva nas línguas Krahô, Apãniekrá, Pykobjê e Parkatêjê. Veremos nesta seção que há semelhanças e diferenças na ocorrência de tal fenômeno nessas línguas.

A principal similaridade entre as línguas Timbira em estudo é o fato de a causativização ocorrer por meio do elemento *to* em todas elas. O tipo de causativização coincide entre algumas dessas línguas, mas difere entre outras. Nas línguas Apãniekrá e Parkatêjê ocorrem tanto a causativização morfológica quanto a perifrástica; já na língua Krahô parece ocorrer a causativização perifrástica.

Conforme apresentado na primeira seção, uma sentença causativa morfológica pode ser sintaticamente variada. Na construção causativa morfológica das línguas Apãniekrá e Parkatejê, o verbo causativo *to* e o verbo não causativo são co-lexicalizados, sendo sintaticamente um verbo simples:

(23) a-tɛ ko tɔ= iʔ-kakrɔ
2-ERG água CAUS 3-estar.quente
'Você esquentou a água'

Apãniekrá (CASTRO-ALVES, 2004, p.74)

(24) a-tɔ i-mpey -ti
2-CAUS 1-ser.bom -INTENS
'Tu me fazes muito bem'

Parkatêjê (FERREIRA, 2003, p. 203)

Uma causativização perifrástica prototípica envolve dois verbos em sentenças separadas, sendo que o verbo causativo geralmente está na sentença principal e o verbo lexical está na sentença subordinada. Isto é o que ocorre na causativização perifrástica das línguas Apãniekrá, Krahô e Parkatêjê:

(25) ka i-tɔ= tʃa [i-tɛ a-pupun nã]
2 1-CAUS= obrigar 1-ERG 2-ver.NF SUB
'Você me obrigou a te olhar'

- (26) Capi te i-jõt na i-to
 Capi PAST 1-sleep SUBORD 1-make
 Capi PAS 1-dormir SUBORD 1-fazer
 ‘Capi made me sleep’
 ‘Capi me fez dormir’

Krahô (POPJES & POPJES, 1986, p. 143)

- (27) i-te to kwÿrpej kahôn
 1-ERG fazer macaxeira cozinhar-PAS
 ‘Eu causei/fiz a macaxeira cozinhar’

Parkatêjê (FERREIRA & FERREIRA, 2018, p. 05)

Em Apãniekrá, o verbo *to* causativiza verbos intransitivos (ativos e estativos) por meio de causativo morfológico, dando origem a orações transitivas; ele também causativiza verbos transitivos pelo causativo perifrástico, originando orações bitransitivas. Em Parkatêjê, *to* causativiza verbos intransitivos (ativos e estativos) por intermédio de causativização perifrástica e morfológica, derivando orações transitivas. Em Krahô, o verbo causativo *to* causativiza tanto verbos intransitivos quanto transitivos por meio de causativização perifrástica, dando origem a orações transitivas e bitransitivas, respectivamente.

Nas orações causativizadas dessas línguas, a introdução do verbo *to* licencia a adição de um novo argumento a essas construções. Em Krahô, Apãniekrá e Parkatêjê, o novo argumento adicionado assume a função de sujeito agente na oração. Os argumentos que nas orações não causativas assumiam a função de sujeito passam então para a função de objeto na oração causativizada. Do ponto de vista semântico, o sujeito agente inserido na oração age sobre o objeto, fazendo-o realizar alguma ação ou mudar de estado.

Amado (2004) não explicita o tipo de causativização em Pykobjê. As características apresentadas pela autora acerca da construção causativa nessa língua referem-se à posição da partícula causativizadora *to* em relação ao objeto da oração, que pode está posicionada antes ou depois dele, sendo a posição posposta a mais comum.

Quanto à posição do verbo causativo em relação ao verbo lexical, é possível observar que, tanto em Parkatêjê quanto em Apãniekrá, no caso das construções causativas morfológicas, o verbo *to* fica posicionado no meio da oração, imediatamente antes do verbo lexical. Nas orações resultantes da causativização perifrástica: em Apãniekrá, *to* fica posicionado antes do verbo da oração principal; em Parkatêjê, o causativo *to* fica posicionado no meio da oração, antes do sintagma nominal objeto; já em Krahô, o verbo causativo *to* posiciona-se no final da oração, logo após a marca de seu objeto.

A tabela a seguir sistematiza as variáveis analisadas nas línguas em estudo:

LÍNGUA	CAUSATIVO/ CLASSIFICAÇÃO	TIPO DE VERBOS QUE CAUSATIVIZA	TIPO DE CAUSATIVIZAÇÃO	TIPO DE CONSTRUÇÃO	POSIÇÃO DO CAUSATIVO
Krahô					Final da oração, após

	verbo to/ton	Intransitivos e transitivos	Perifrástica	Sentença complexa	a marca de objeto direto
Apãniekrá	verbo to	Intransitivos	Morfológica	Sentença simples	Meio da oração, antes do verbo lexical
		Transitivos	Perifrástica	Sentença complexa	Antes do verbo da oração principal
Pykobjê	Partícula to	Intransitivos e transitivos	-	-	Antes ou depois do objeto direto
Parkatêjê	Verbo to	Intransitivos	Morfológica	Sentença simples	Meio da oração, antes do verbo lexical e após o SN
		Intransitivos	Perifrástica	Sentença complexa	Meio da oração, antes do SN

Tabela 1: Sistematização das variáveis analisadas nas línguas em estudo

Na primeira coluna do quadro acima apresentamos o nome de cada uma das línguas analisadas; na segunda coluna apresentamos a forma do causativo e como ele é classificado em cada língua; na terceira coluna está o tipo de verbos que o causativo afeta; na quarta coluna está o tipo de causativização que ocorre nas línguas; na quinta coluna, o tipo de construção resultante da causativização; e na quinta e última coluna, a posição do causativo na oração.

4. Outras funções do elemento ‘to’ em Parkatêjê e Pykobjê

Além da função de verbo causativo, o elemento *to* também desempenha outras funções morfossintáticas nas línguas Parkatêjê e Pykobjê.

Em Parkatêjê, além de ocorrer como causativo, o verbo *to* ocorre em sentido de ‘fazer’ e como posposição instrumental. Em vários exemplos, esse verbo aparece antecedido ou precedido da partícula *nã*, cujos significados e funções ainda são desconhecidos (FERREIRA, 2003).

‘To’ como verbo fazer:

(28) wa kotikti nã tɔ
 eu café fazer
 ‘eu faço café’

(29) zũm tɛ nã tɔn?
 INT ERG fazer+PAS
 ‘Quem fez?’

(30) mǎ ka pia mǎ por nã tɔ
 INT DUB PL bolo fazer
 ‘Como se faz bolo?’

Quando ocorre em sentido do verbo ‘fazer’, *to* geralmente posiciona-se no final da oração, diferente da sua posição na função de verbo causativo.

A mesma partícula *nã* do Parkatêjê aparece como partícula subordinativa *nã* em Apãniekrá e como posposição subordinativa *na* em Krahô, marcando as orações subordinadas nestas línguas. Considerando os dados do Parkatêjê, essa partícula não parece ser marca de oração subordinada na língua. No entanto, tal partícula ainda está sendo investigada.

‘To’ como posposição instrumental:

(31) mpa-tɛ kəy tɔ amʒi h-ir
 Nós-ERG faca INST REFLX PR-furar
 ‘Nós nos cortamos com a faca’

(32) pot tɔ tɛ tɔ kukrit y-apok
 Taquara INST ERG fazer anta PR-furar
 ‘Com taquara, ele furou a anta’

(33) intʃɛ tɛ kra ʒ-uahi mǎ krohokrɛ tɛ wahire tɔ
 mãe ERG filho PR-segurar DS NPr ERG agulha INST
 katʃwɪr
 furar+PAS

‘A mãe segurou o filho e a Krohokre aplicou a injeção’ \\ lit. ‘a mãe segurou o filho e a Krohokre furou com a agulha’

(34) i-ʒ-õkra wa i-tɛ kəy tɔ h-ir
 1-PR-mão eu 1-ERG faca INST PR-cortar+PAS
 ‘Minha mão, eu cortei com a faca’

Quando ocorre como posposição instrumental, *to* fica posicionado logo após o instrumento utilizado para a realização da ação verbal. Uma tradução apropriada para essa posposição seria ‘com’.

Em Pykobjê, além de causativizador, há mais dois tipos de *to*: a partícula de instrumento (em 43) e a partícula de direção (em 44).

(35) ej-te j-õkra tɔ tun pro
1-ERG 1-mão INST tatu pegar
'Eu peguei o tatu com as mãos'

(36) wa ha j-əpin tɔ prə
1 FUT 1-pescar DIR caminho
'Estou indo pescar' (a caminho)

(AMADO, 2004, p. 44)

Conforme afirma Amado (2004), tais partículas são homônimas nesta língua. Portanto, para distinguir a função de cada uma delas, é necessário que sejam observados os contextos. Em Parkatêjê, o verbo causativo, o verbo 'fazer' e a posposição instrumental (*to*) parecem não ser homônimos. É possível que *to* seja um único elemento com múltiplas funções nesta língua.

As abreviaturas nas glosas dos dados desta seção significam: 1 = 1ª pessoa do singular; DIR = direcional; DS = sujeitos diferentes; DUB = dubitativo; ERG = ergativo; FUT = futuro; INT = interrogativo; INST = instrumental; NPr = nome próprio; PAS = passado; PL = plural; PR = prefixo relacional; REFLX = reflexivo.

Considerações Finais

O presente artigo teve como objetivo sistematizar informações das descrições sobre a ocorrência do fenômeno linguístico de causativização em quatro línguas do complexo Timbira (Krahô, Apãniekrá, Pykobjê e Parkatêjê). A comparação realizada destacou semelhanças e diferenças na ocorrência de tal processo nessas línguas, que são consideradas variedades bastante próximas.

A partir da análise comparativa realizada por meio do presente trabalho pode-se considerar que, em todas as línguas apresentadas, o mecanismo de causativização ocorre por meio do verbo *to*, que é responsável pela construção de sentenças causativas perifrásticas ou morfológicas e que causativiza verbos intransitivos e/ou transitivos nestas línguas.

As construções causativas do Pykobjê parecem ser sintaticamente diferentes das construções causativas das outras línguas, em se tratando da posição do verbo causativo em relação ao verbo lexical: nas construções causativas perifrásticas do Apãniekrá, do Krahô e do Parkatêjê, o verbo causativo permanece na oração principal e o verbo lexical, na oração subordinada; nas construções causativas morfológicas do Apãniekrá e do Parkatêjê, o verbo causativo precede o verbo lexical, formando, então, uma sentença simples; já nas construções causativas do Pykobjê, a partícula causativizadora não tem uma posição fixa e parece não ter relação direta com o verbo lexical. Daí Amado ter considerado esse elemento como partícula.

Além da função causativizadora, este trabalho também apresentou outras funções exercidas pelo formativo *to* em algumas das línguas Timbira em estudo. Em Pykobjê, *to* pode ser uma partícula de direção ou uma partícula instrumental. Já em Parkatêjê, esse elemento pode

ser uma posposição instrumental, tal como em Pykobjê, mas também pode se comportar como o verbo ‘fazer’.

A comparação realizada neste artigo visa colaborar com a descrição dos mecanismos morfossintáticos de causativização do Parkatêjê. Com base nas diferentes interpretações das ocorrências do formativo causativo, é possível pensar que este teve um desenvolvimento histórico distinto em algumas línguas, como é o caso do Pykobjê. Tal situação deve ser objeto de pesquisa ainda, o que certamente poderá contribuir para consolidar e avançar nos estudos das línguas Timbira e Macro-Jê.

Notes on causativity in Timbira languages

ABSTRACT: The dialectal complex Timbira (Jê family, Macro-Jê stock) is composed of seven languages that have similar aspects to each other: Parkatêjê, Apinajê, Krinkati, Ramkokamekrá, Krahô, Pykobjê and Krenjê. This paper presents data about the occurrence of causativity process at Timbira languages: Krahô, Apâniekrá, Pykobjê and Parkatêjê. This paper also makes a preliminary comparison between the occurrences of this phenomenon in these languages to show that, in addition to the similar features, they also present different features. In these languages, the causativization occurs by means of the causative verb *to*. The article also shows other functions performed by *to* at the Pykobjê and Parkatêjê languages. The data presented comes from the following sources: Popjes & Popjes (1986), Ferreira (2003), Castro-Alves (2004) and Amado (2004).

Keywords: causativity; linguistic phenomenon; timbira languages.

Referências

AMADO, Rosane de Sá. *Aspectos morfofonológicos do Gavião-Pikobjê*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2004.

CASTRO-ALVES, Flávia de. *O Timbira falado pelos Canela Apâniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.

COMRIE, B. *Language universals and linguistics typology: syntax and morphology*, Chicago: University of Chicago Press, 1981.

DIXON, R. M. W. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. *Estudo morfossintático da língua Parkatêjê*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.

FERREIRA, Sindy Rayane de; FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. Notas sobre causativização em Parkatêjê (Timbira). *Acta Scientiarum: language and culture*, v. 40, n. 2, p. 01-10, jun./dez. 2018.

LYONS, John. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Nacional, 1979.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NIMUENDAJÚ, Curt. The eastern Timbira. *American Archaeology and Ethnology*, v. 41, 1946.

OLIVEIRA, Christiane C. *Some Outcomes of the Grammaticalization of the verb ɔ 'do' in Apinajé (Jê)*. In: FIRST WORKSHOP ON AMERICAN INDIGENOUS LANGUAGES, 1998, Santa Barbara, California. *Proceedings from the First Workshop on American Indigenous Languages*. Santa Barbara: University of California Press, 1998. v. 8. p. 57-69.

_____. *The language of the Apinajé people of central Brazil*. 2005. Dissertation (Doctorate degree) – University of Oregon, Eugene, Oregon, USA, 2005.

POPJES, Jack & POPJES, Jo. Canela-Krahô. In DERBYSHIRE, D. C. & PULLUM, G. K. (eds) (1986). *Handbook of Amazonian Languages*, v.1. Berlin/ New York/ Amsterdam: Mouton de Gruyter, 1986.

SHIBATANI, Masayoshi. Causativization. In: SHIBATANI, M. (Ed.) *Syntax and Semantics*. Vol. 5. New York: Academic Press. 1976, p. 239-294.

Data de envio: 21/07/2017
Data de aceite: 17/12/2018